Editorial

INTERESSE EMERGENTE

Até agora, os países do G-20 achavam que a recuperação da economia era mais importante do que a redução de seus déficits públicos e do seu endividamento. A crise da Grécia, repercutindo em outros países da Europa, introduziu um novo elemento nessa equação.

A quarta cúpula do G-20, encerrada domingo, no Canadá, colocou como prioridade o equilíbrio fiscal e a redução da dívida, contrariando os Estados Unidos, o Brasil e os países emergentes. O Brasil, especialmente, teme que a Europa faça o ajuste à custa dos emergentes.

Desde a crise econômica mundial de 2008, que atingiu os EUA e a Europa, que a recuperação econômica esteve na pauta das três cúpulas anteriores do G-20, que reúne as maiores economias do mundo e a União Europeia. O saneamento financeiro vinha em segundo.

A mudança ficou evidenciada nessa cúpula, em que o texto final afirma que os países do grupo assumem o compromisso de reduzir seus déficits pela metade até 2013 e seu endividamento em relação ao PIB até 2016. A decisão é interpretada como uma vitória da Europa.

Mas o texto contém uma ressalva: a de que os países devem evitar que as medidas de austeridade e os ajustes prejudiquem o crescimento e a recuperação da economia. Com isso, como é comum em reuniões internacionais, é feita uma "média" com os insatisfeitos.

Isso fica evidenciado com a orientação para que os países façam os ajustes como quiserem. A crise da Grécia colocou o problema na ordem do dia. Para a Europa, o que importa é evitar que as dificuldades se disseminem por todo o continente, como vem ameaçando.

Para os EUA e os países emergentes, como o Brasil, interessa que o comércio internacional se mantenha aquecido, a fim de que as exportações estimulem internamente as atividades produtivas e o crescimento dos empregos. Para isso, a economia global precisa se recuperar.

Se todo o mundo estiver produzindo, comprando e vendendo, a economia como um todo vai bem.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL Leandro Figueiredo
GERENTE DE TECNOLOGIA Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO Michele Borges da Costa
ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO Aline Reskalla
EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

Duke

www.dukechargista.com.br

FÁTIMA OLIVEIRA
Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Desafios e inquietações dos saberes sobre o genoma humano

"O PGH ainda não afetou a saúde da maioria das pessoas"

Foi um momento solene e mágico. Era 26 de junho de 2000. O presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, e o primeiro-ministro britânico, Tony Blair, ao lado de Francis Collins, do projeto Genoma Humano, e de John Craig Venter, da empresa privada Celera Genomics, apresentaram ao mundo algo como o Santo Graal, o código da vida: as sequências do genoma humano. O mapa do PGH não se sabe de quem é, mas o da Celera é o genoma do próprio Venter!

Acompanhei a peleja dos cientistas ao cerne da intimidade humana, nossos genes, analisando aspectos científicos, políticos, sociais, filosóficos e éticos. E escrevi um livro sobre as "coisas novas das biociências" que foi a primeira publicação de popularização da ciência escrito no Brasil sobre o tema: "Engenharia Genética: O sétimo dia da criação" (Moderna, 1995), atualizado em maio passado.

Embora genômica e proteômica tenham se desenvolvido, o marasmo pós-PGH é inquestionável. E só foi quebrado pela celeuma dos transgênicos nesta primeira década, que se firmaram na área alimentar, farmacêutica e na criação de animais bizarros. Mas o "estado da arte" continua o mesmo diante das incertezas da ciência: "Não há provas de que não fazem mal à saúde".

Ouçamos Francis Collins, atual diretor dos Institutos Nacionais de Saúde dos EUA: "A prometida revolução na saúde humana continua a ser muito real... quem esperava resultados dramáticos da noite para o dia pode sentir-se desapontado... A genômica segue a primeira lei da tecnologia: nós sempre superestimamos os efeitos de curto prazo e subestimamos os de longo". E elenca avanços pontuais dos saberes do genoma humano: "Foram desenvolvidos alguns medicamentos potentes para certos tipos de câncer; os testes genéticos podem prever se as pessoas que sofrem de câncer de mama precisam fazer quimioterapia; foram identificados os principais fatores de risco de degeneração macular (uma doença dos olhos) e se pode prever a resposta de mais de uma dezena de medicamentos". E arremata: "É justo dizer que o PGH ainda não afetou a saúde da maioria das pessoas".

> Se o PGH custou bilhões, hoje é possível sequenciar um genoma humano em um dia, gastando poucos milhares de dólares

John Craig Venter, agora o mago da "biologia sintética", pontua que, se o PGH custou bilhões, hoje é possível sequenciar um genoma humano em um dia, gastando poucos milhares de dólares. E declara: "Ainda há um caminho a percorrer antes que essa capacidade tenha um efeito significativo na saúde e na medicina... À medida que o custo do sequenciamento cai, a qualidade da informação precisa aumentar. A geração de dados genômicos terá pouco valor sem a informação correspondente sobre as características observáveis do indivíduo, e sem ferramentas de computação para ligar essas duas coisas", pois "os experimentos que transformarão a medicina, revelando a relação entre variação genética e resultados biológicos, como fisiologia e doenças, exigirão os genomas completos de dezenas de milhares de seres humanos, juntamente com dados digitalizados abrangentes de fenótipos".

O geneticista brasileiro Salmo Raskin, na entrevista "O genoma humano e a revolução que não veio", concedida ao "Paraná-online" em 27.4.2010, é taxativo: "Não existe um determinismo genético para tudo, ou seja, nem tudo está escrito em nossos genes"; e que, "só o fato de muito recentemente termos descoberto que ao menos metade do lixo genético é composto por sequências fundamentais na regulação do genoma, já mostra o quanto pouco sabemos sobre a genética humana, depois de anos após o anúncio do sequenciamento".

DUKE